

17

CONVERSA A RODA DA
VISUALIDADE NA
CONTEMPORANEIDADE

UMBELINA BARRETO

Resumo

O texto parte de um debate intitulado 'roda de conversa' realizado em 2017 na UFRGS, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O conteúdo emergiu de problemas que se apresentaram em uma convergência paralela envolvendo estudantes em formação, professores da Escola Básica e professores pesquisadores e formadores de novos professores. O tema foi selecionado por todos os componentes e o fato de termos na roda professores e estudantes de artes e letras e, também da área de ciências da natureza, corrobora a importância de se debater formas de acesso a um universo que torna imprescindível a imagem, fazendo da construção da visualidade uma fonte de resolução de problemas, que perpassa todos os componentes curriculares da escola e possibilita a reconstrução de alguns elos entre as diversas áreas de conhecimento, para além do processo de especialização, que tem sido acelerado exponencialmente a partir do século passado.

Palavras-chave: visualidade; contemporaneidade; visibilidade; visível/invisível; texto/imagem.

A visualidade na contemporaneidade

A ordem da visão é a da simultaneidade, em que se precipitam o ver e o não ver simultaneamente, sem que se separem, embora isso ainda não seja totalmente acessível a nossa compreensão. Essa instantânea simultaneidade da visão faz com que se pense que basta abrir os olhos para termos acesso visual a tudo o que nos cerca, entretanto, sabemos que não é exatamente assim que ocorre, pois, o ver e o saber fazem parte de processos cognitivos, em que são imprescindíveis a apropriação e a construção de imagens. A visualidade qualifica visualmente o nosso olhar nesta interface cognitiva, possibilitando uma leitura que se desdobra em diversos caminhos, em um processo de significação na busca de significados que nos correspondam, ou que possam vir a se organizar em séries, em que as correspondências se imbricam gerando conexões.

As formas de apropriação de imagens em nosso cérebro necessitam ser construídas pelos sujeitos e essa construção/apropriação também dá acesso ao conceito que corresponde à imagem. Essa compreensão conceitual da imagem não elimina as formas de relacionamento com o mundo e com o outro, pois é assim que nós construímos a imagem/conceito, em que temos de compreender o que priorizamos ao criar uma imagem do mundo. Por outro lado, precisamos desconstruir o conceito para chegar a visualização do objeto, ou seja, é necessário ultrapassar a visibilidade do objeto – visível/invisível – para chegar à construção da visualidade. Carecemos de chegar a um significado para ter uma visualidade construída como um processo de significação. Nesse caminho nós estamos sempre em um universo de relações, pois não

são mais as coisas em si, mas as relações entre elas que vão constituir o processo, o qual também corresponde a um sujeito específico, pois as relações pressupõem as escolhas que vão sendo praticadas e definem as marcas em um caminho que vai a ser determinado.

Temos visto na conversa que fizemos/colhemos ao discorrer o texto correspondente, que, em algumas áreas de conhecimento é enfatizado o corpo em um primeiro momento e, em outras, a mente, mas, em todas as posições os sujeitos foram unânimes em afirmar a necessidade de articulação e diálogo entre ambos, pois acreditam que eles se complementam na experiência e no desenvolvimento humano. O corpo é uma das janelas da visualidade e o esquecimento do corpo a partir de Descartes, que, no “Discurso sobre o Método”, publicado em 1637, o separou totalmente da mente, acabou por definir faltas que hoje estão a ser resgatadas. Entrementes, esse esquecimento levou a construção de novas janelas, que, por sua vez, hoje também não podem ser esquecidas. Verificamos que não significa somente trocar uma coisa por outra, ou mesmo somar duas grandezas distintas, mas sim conseguir multiplicar e potencializar uma e outra ao serem ambas valorizadas e constituídas como hierarquias móveis.

A importância de se realizar um debate sobre a visualidade se apresentou na roda desde a diversidade da presença, e definiu a possibilidade de focalizar o tema a partir da forma como o mesmo tem transbordado da experiência, resgatando os contextos individuais. Dessa maneira, da área de Letras veio a proposta de “ver a visualidade” como um “novo texto a ser lido”, sendo que essa leitura necessitaria que nós partíssemos de uma outra linguagem, com outros modos de funcionamento. Já a ênfase na pluralidade de textos, de linguagens e de distintos modos de funcionamento é, justamente, o que tem caracterizado a contemporaneidade na área de Artes Visuais, a qual tem sido apresentada, reiteradamente, como o lugar próprio do envolvimento com o novo e com o outro.

Da literatura contemporânea, com frequência emerge um texto onde a não-linearidade e o tempo fragmentado se multiplicam, sendo ambos, constantemente, trazidos pela voz de uma primeira pessoa que se mostra como um outro, e que está posta em indivíduos sozinhos, ou talvez, poderíamos dizer em indivíduos solipsistas, indivíduos que se mostram com uma abrangência das suas próprias experiências, através de quebras, colisões, perdas e repetições. E nas Artes Visuais, essas características também passaram a ser vistas na filmografia que caracteriza o cinema contemporâneo, que já é uma nova linguagem e em atualização contínua, sendo através da imagem e do texto que os movimentos se apresentam entrelaçados, a quebrar com o tempo e ainda a multiplicar os espaços.

Desse modo, entre as Artes Visuais e as Letras, já nos situamos no caminho da conversa, de onde podem ser apontados o “corpo do texto” e o “texto da imagem”, sendo ambos postos em percursos que parecem paralelos, mas que se mostram também concorrentes ao enfatizar a ideia de paradoxos (o que pode ser lido como um conjunto de linhas retas que, na geometria euclidiana, tem um único ponto em comum,

mas que, na matemática riemanniana, Bernhard Riemann, 1826-1866 – geometria não-euclidiana dos espaços curvos – essas linhas chamadas linhas geodésicas poderiam em algum momento serem vistas como paralelas – e isso já nos colocaria frente a uma mudança de paradigma, inserindo-nos na complexidade da contemporaneidade).

Nas novas linguagens constatamos a presença de imagens que não necessitam de texto, ou talvez seja melhor dizer, imagens em que o texto é eminentemente visual. Mas o que significa um texto visual? Será que isso não poderia ser visto como um barroquismo, eivado de luz e sombra? Um texto visual na linguagem dos quadrinhos parte de imagens que são dispostas em uma sequência que “pode ser lida” no tempo, mas se pensarmos em cada imagem dessa linha, também encontramos vários caminhos internos que, necessariamente, não encontram “voz” na sequência, e que, por vezes, vão dialogar com outras imagens em outros momentos, adensando e criando cruzamentos e conexões para além da narrativa principal. Esses desvios poderão, ao longo do tempo, vir a ser o argumento principal da narrativa, ou mesmo o argumento de uma sequência posterior, colocado em uma nova narrativa (é muito comum o desenvolvimento de filmes e quadrinhos em séries, em que um novo argumento é potencializado antes de ser efetivamente desenvolvido).

Esses movimentos afastados da linearidade, que, em sua invenção, podem se aproximar tanto da verdade como da mentira, é o que estamos a considerar nesse texto como barroquismos. E isso pode ser visto como uma forma de estar à deriva, entretanto, paradoxalmente, na contemporaneidade a precisão imagética das localizações geográficas, capturadas por satélites e dispostas no universo digital podem nos dizer, a cada segundo ou fração, se estamos no caminho certo ou se houve uma mudança de estado. E toda essa precisão é simulada através de imagens “eivadas” por distintos esquemas.

O reconhecimento de um lugar ou de um estado através de uma imagem pode ocorrer em uma leitura de mapas, desenhos, pinturas, grafos, diagramas, ou em algum outro tipo de imagem que, na atualidade, possa vir a funcionar como uma janela para a visualização de informações. Para Pires, 2011, a visualização está diretamente relacionada com o processo de veiculação de informação, sendo uma representação visual de relações, qualidades e quantidades que veiculam a informação dos dados dos quais emergiram. Envolve sempre um processo de significação e a simbolização material exterior, através da cognição e da comunicação. Nesse sentido, verificamos que a visualização articula modelos mentais em uma imagética relacionada tanto à ciência como à arte.

O corpo entre sujeitos e narrativas na delimitação da imagem

A visualidade pressupõe sempre o corpo, limitado ou potencializado, pois é através dele que preservamos a diversidade que constitui a interface cognitiva. Na visualidade contemporânea nós temos muitas janelas e isso é essencial, pois desse modo abarcamos e ultrapassamos

o padrão do Renascimento, século XV (que marca o início da modernidade), em que a visão de mundo foi construída a partir de um ponto de vista único, com uma única janela, definida por uma mobilidade suspensa concomitantemente à fixação do corpo.

Na contemporaneidade, resgatamos o corpo e multiplicamos as janelas, ao fazermos da imagem o centro de nossas vidas. Entrementes, a percepção da imagem nesse lugar privilegiado gera perturbação. Então, como fazer com que esse centro possa ser visto metaforicamente como possibilidade ao estado de perturbação? Será que seria possível ver a imagem/centro como eixo de um balanço mexicano, gerando reiteradas mudanças de direção e, também a remissão para fora de nosso próprio ângulo de visão? O excesso advindo da perturbação causada pelo movimento de um balanço mexicano pode causar náusea, mas essa poderia ser necessária para a seguir descer do balanço e lidar com o desequilíbrio em busca de uma nova equilibração e um novo aprendizado, pois é isso que possibilita o desenvolvimento. As tecnologias vão mudando a nossa vida e nós temos a impressão que os instrumentos e os equipamentos sempre aí estiveram, mas não é assim! A imagem é sempre uma invenção, mas será que essa invenção, a nos inundar e engatar, contempla, na atualidade, o ser humano em todas as suas potencialidades? Ou, pelo menos, será que as imagens atuais estão sendo construídas ou colocadas na roda a contemplar as múltiplas janelas necessárias à diversidade dos seres humanos?

Nas ciências da natureza apresenta-se a possibilidade de a narrativa ser elaborada por diferentes sujeitos, que podem narrar diferentes percepções sobre um mesmo objeto. Essa ideia de sujeitos/objeto apareceu na roda de conversa simultaneamente às relações intersubjetivas – sujeito/sujeito, que, para a área de Artes Cênicas, são essenciais na formação do corpo coletivo, sendo constitutivas da experiência de cada indivíduo. A experiência cênica está centrada no corpo e é sempre um corpo feito de afetos e perceptos, que são construídos a partir da interação com o outro, ou com os outros. Não se pode esquecer que o Teatro tem no corpo o lugar de construção de seu objeto poético, desenvolvendo uma linguagem que se mostra na expressividade do corpo em interação.

Passar das Letras e das Artes Visuais para o universo das Ciências, a levantar diferentes concepções de um mesmo objeto, e encontrar um corpo perceptivo que poderia conceber a diversidade do mundo, será o impulso que poderá nos levar a buscar certa aproximação com a Fenomenologia. Podemos ultrapassar o psicologismo e o historicismo ao ampliar a complexidade com um método de investigação filosófica criado no século XIX pelo filósofo, matemático e lógico Edmund Husserl, 1859-1938. Husserl pensou em uma nova filosofia que poderia ressurgir como uma investigação subjetiva e rigorosa, que se iniciaria com os estudos dos fenômenos, descrevendo a forma como estes aparentam à mente para encontrar as verdades da razão. Dessa maneira, a exatidão cartesiana ficou sobreposta pelo rigor dos passos de um método husserliano, colocando o processo no centro das investigações. E Merleau-Ponty, 1908-1961, nos passos de Husserl, mas em um caminho de

investigação própria vai, justamente, reelaborar o primado da percepção no século XX, ao localizá-la no corpo, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, 1999, escrita em 1945.

A aproximação com o corpo, ao trazer, por um lado a percepção e por outro a construção dos afetos, enfatizadas e defendidas pela área de Artes Cênicas, também acabou por iluminar as narrativas corporais, e com elas emergiu a performance visual, uma manifestação artística surgida no século XX, talvez migrando de outras artes performáticas: musical e teatral, e que é, por excelência, o lugar da relação entre o eu e o outro. Entretanto, ao se pensar na dinâmica do corpo como um espaço constituinte, vislumbramos distintos estados, e verificamos que, se o texto não for dito, mas, somente mostrado através de figuras que se constituem como uma imagem, isso poderia também nos remeter diretamente para uma ação pedagógica.

Nesse sentido, será que essa forma de dizer algo mostrando ou apontando já não estaria presente nos primórdios de nosso desenvolvimento? Todos nós estamos imersos/as na língua materna e é nesse contexto que o aprendizado ocorre, antes de nomear nós apontamos, mas o ato de apontar já faz parte da linguagem – tal como os pronomes e os advérbios que encontramos na gramática. Os sujeitos são sujeitos da linguagem e isso gera mudanças radicais no desenvolvimento humano e no desenvolvimento da aprendizagem. Como a Pedagogia tem abordado os princípios do desenvolvimento que, na atualidade, envolvem os processos cognitivos, os quais tem emergido de pesquisas que ocorrem no cruzamento com a área de neurociências?

A cognição é hoje vista como o ato ou processo de conhecer, e inclui uma diversidade de estados mentais e processos, tal como formas de pensar, de direcionar a atenção, de multiplicar os raciocínios, de utilizar a memória, de exercitar o juízo em julgamentos, de dar asas às flutuações da imaginação, de construir o pensamento, de elaborar os discursos, além de processar a percepção visual, auditiva e de demais formas de percepção, de aprendizagem, de consciência, e de sentimentos e emoções.

Construindo a aprendizagem: contemplando a diversidade perceptiva na cognição

Os/as professores/as foram unânimes em afirmar que, na atualidade, o papel do/a professor/a na aprendizagem, talvez seja, justamente, encontrar e dispor percursos diversos e alternativos que contemplem as diferentes formas de ver que constituem as diferenças individuais em uma turma e, em uma mesma faixa etária, em crianças que fazem parte de contextos sociais distintos e que partilham também de diferentes culturas. Entretanto, o que fazer com a fixidez das hierarquias que têm sido estabelecidas ao longo do tempo nos tradicionais processos de escolarização com que ainda nos deparamos nas escolas? Muitas narrativas foram trazidas na roda de conversa sobre a problemática imutabilidade de algumas hierarquias “apreendidas” com a tradição, que acabam por definir “amputações” corporais e mentais, pela forma

de usar (ou não usar) o corpo e a mente no processo de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano.

Em um mundo em que, aparentemente, tudo está dado, e em que as pessoas são vistas como meros espectadores, podemos, com o desenvolvimento da educação, mudar esse estado e mostrar a importância das escolhas, a começar pela escolha de direcionamento de nosso olhar para podermos nos apropriar de uma imagem aparentemente “desconhecida” e reconstruí-la para fazer com que ela tenha algum significado para nós. Verificamos nas manifestações que uma simples mudança de lugar pode vir a criar memórias positivas em relação a uma aula de matemática, por exemplo.

Dessa forma, frente a uma pedagogia tradicional, que está a percorrer um caminho com um único direcionamento, poderíamos propor uma desconstrução da fixação hierárquica que tem caracterizado a escolarização até o início do século XXI. Poderíamos propor a construção de mobilidade entre as hierarquias, tornando-as móveis de forma que possam se adequar às especificidades de diferentes textos e contextos, e desconstruir a fixação das hierarquias determinadas “ad infinitum”. Com a construção/desconstrução dos lugares hierárquicos da escolarização, poderiam ser contempladas a diversidade de todas as formas de conhecer o mundo.

Nesse momento, os “entabuladores” da roda de conversa foram unânimes em afirmar que conhecemos o mundo com mente e corpo e não somente com a mente, além de afirmarem que, tal como as duas faces de uma moeda, ora vê-se um lado ora o outro, ora prioriza-se um ora outro, mas sempre sem que um e outro deixem de existir e de estar intrinsecamente envolvidos na construção da aprendizagem.

Junto a essa afirmação que volta a reunir mente e corpo no conhecimento, encontramos diversos pesquisadores que se aliam a crítica da separação preconizada por Descartes, 1596-1650, no seu Discurso sobre o método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência, ou simplesmente, Discurso do Método, 1637. E, no caminho dessa crítica cartesiana, escolhemos apontar com Maturana e Varela uma nova forma de conhecimento, a forma sistêmica que caracteriza o conhecimento na atualidade, em que nos deparamos com a complexidade: A árvore do conhecimento, Teoria biológica do conhecimento, Maturana e Varela, 1995. Os autores afirmam que a autopoiesis é a forma como o ser vivo conhece e, também é o que o define como ser vivo. E os pesquisadores constroem um sistema de sistemas articulando as diversas camadas, partindo da biologia do ser vivo e acoplando os demais sistemas, chegando ao sistema cultural, tornando significativa a diversidade cultural em que cada espécie se desenvolve e mantém seus indivíduos vivos como uma forma de conhecer.

Mas, e o que dizer dos conceitos de visualidade e de visibilidade? Quais as diferenças que constituem estas qualidades, qual a qualidade do visível e a qualidade do visual? Como relacionar o conceito e a imagem? Na física e na química é essencial esta relação, a imagem amplia o conceito e o conceito amplia a leitura da imagem, compreendendo o imbricamento da construção do conceito e da construção da

visibilidade.

Merleau-Ponty em seu último livro: *O visível e o invisível*, 2007, que foi lançado depois de sua morte a partir de seus apontamentos, traz algumas questões sobre a visibilidade, a qual é construída como uma moeda com duas faces, inseparáveis, pois são ambas constitutivas do objeto. De um lado o visível e de outro o invisível, que podemos também relacionar ao corpo e a mente. Entretanto, o que nos faz ver aquilo que está visível e não o que é invisível em uma dada realidade? Ou ainda, como fizemos as escolhas para chegar por fim a afirmar que vimos alguma coisa? E o que exatamente nós vemos? Merleau-Ponty vai trazer a visibilidade como uma relação entre o ver e o não ver, sendo ambos sempre imbricados.

Tanto Maturana como Merleau-Ponty mostram em suas pesquisas como o tecido que vemos do mundo visível não é uma superfície contínua, está composto por “buracos”, que definem descontinuidades e quebras que não vemos (e não será justamente essa relação ver - não ver a potencializar o conceito de rede?). Frente a essa qualidade da visão que nos caracteriza é que construímos os percursos do olhar a partir da experiência da literacia, através de leituras em que cruzamos narrativas que atribuem alguma espécie de sentido a partir dessa relação com o mundo exterior (definida como perturbação por Maturana e Varela).

Talvez seja significativo mencionar aqui o exemplo da transformação que tem ocorrido nas Artes Visuais, em um dos processos de aprendizagem que se dá, justamente, através da leitura da obra de arte, priorizada pela percepção visual, que tem sido trazido, desde a década de oitenta pela Arte-Educadora brasileira Ana Mae Barbosa em sua *Proposta Triangular*, 2006. É importante mencionar que essa leitura visual da obra de arte desde o seu início tem sofrido alterações que encaminham mudanças na forma de fazer a leitura. Passamos de uma metodologia que possibilitava uma riqueza no caminho, mas a certeza de chegar a significados exatos e comuns a todos como uma forma independente da diversidade dos sujeitos-leitores, a quem restava simplesmente se “encaixar” naquela visão uniforme, em busca de um mesmo significado para todos; para a verificação da multiplicidade de camadas de sentido a partir de uma construção contextualizada. Hoje, nós elencamos alguns conceitos relacionados a obra de arte e a partir do elenco é que encaminhamos as diversas narrativas que se articulam e ampliam o acesso à obra que vai sendo adensada em camadas de sentidos, atribuindo novos significados à leitura.

A complexidade contemporânea: entre textos, contextos e hipertextos

A contemporaneidade está caracterizada por imagens híbridas e hipertextos para além da não-linearidade presente na leitura de ambos. Também pode-se ver hipertextos e imagens híbridas como caminhos de leituras com “muitas janelas”, o que, por si só, já pressupõe certa interatividade de um leitor, que, necessariamente, vai a fazer escolhas

conforme seus interesses. O termo híbrido aponta a ordem da mistura e tem origem na biologia ao definir um cruzamento genético entre duas espécies distintas, vegetais ou animais. Entretanto, tem-se também o hibridismo na linguística, como são definidas as palavras formadas por elementos de diferentes línguas. E ainda, o hibridismo cultural, que mistura diferentes matrizes culturais.

A contemporaneidade se caracteriza por algumas formas de misturas em que está presente, tanto a manipulação como as escolhas, que definem novas formas de derivação e composição em um universo digital. E é exatamente aí, nesse universo digital, que encontramos um novo modelo de hierarquias, as quais podem ser móveis. A construção e a desconstrução em hierarquias móveis podem se constituir em simultaneidade. Tanto o hibridismo como o hipertexto transbordam o universo digital e ampliam o escopo da visão no mundo contemporâneo, ampliando os limites da visibilidade e multiplicando as formas de construção da visualidade.

As possibilidades de leitura evidenciam o visível e o invisível dos barroquismos conforme os diferentes contextos dos interlocutores considerados. São leituras que envolvem a articulação de referenciais advindos da ciência e da arte, que segundo Pires, 2011, poderiam levar a uma descoberta que ultrapassa a figuração e podem chegar a um processo próprio da era digital em que comparamos relações entre variáveis, encontrando padrões e semelhanças que se encontram no universo da cultura em uma confluência de saberes.

Observamos que em uma imagem simples a complexidade pode também residir em um universo da leitura, em que, a apropriação da informação é parte da contemporaneidade. A imagem é um de seus centros, e essa inserção na cultura contemporânea do mundo atual é o que nos leva a partilhar a literacia como uma competência necessária a todas as áreas do conhecimento fazendo com que o processo de significação que aí reside, ultrapasse as perdas de significado conjecturadas por vazar da área de onde emergiu. A literacia nos possibilita uma movimentação no universo da linguagem, do texto e do contexto, em todas as áreas, e, por vezes, possibilita chegar a um hipertexto, mostrando as conexões que existem na natureza do próprio conhecimento se optamos por abrir as distintas janelas que o constituem.

Já tontos de andar em roda, resta-nos levantar algumas perguntas que nos levem a encontrar novos caminhos. Como podemos fazer uma leitura da espessura das imagens, envolvendo os processos de visualização da informação que aí se apresentam, para que não sejamos somente nós a sermos lidos como diferentes camadas de consumidores em um universo digital que está constantemente a nos perscrutar? Quais os percursos que são possíveis de serem “trilhados” dentro de uma imagem para que possamos fazer escolhas? Como nós podemos nos apropriar minimamente dessa “espessura” de uma imagem? Será que podemos construir/desconstruir as imagens em processos que envolvam a percepção, a cognição e o conhecimento através de uma nova interface, sem perder os significados que aí residem? E como essa visualidade contemporânea, em que se reitera o visível e o invisível, entre

o ver e o saber na construção visual, pode vir a repercutir na aprendizagem?

Enfim, no cansaço, em meio a movimentos, descobertas e apropriações, que, na roda de conversa estavam a ser vistos como formas de percorrer lugares em lusco-fusco, de repente emergiu a força de nossa fraqueza: a consciência de estarmos imersos em um universo de imagens, das quais não detemos ou não sabemos a procedência, nem o destino ou a finalidade, e em que não conseguimos revelar se elas parecem com a verdade ou com a mentira!

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação contemporânea*. São Paulo: Cortês, 2006.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: As bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psi II, 1995.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Fenomenologia da Percepção*. S. Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIRES, Carlos. *A visualização da informação: interface cognitiva*, in: *Novos Estatutos Ontológicos da Imagem: Sobre a migração das imagens, as Obras de Artes, Os hibridismos e a Visualização de Informação*, Lisboa: Universidade de Granada, 2011.